

*Silva, Maria Gilvania Valdivino*

## Transmissão intergeracional, família, trabalho e política

---

### VIII Jornadas de Sociología de la UNLP

*3 al 5 de diciembre de 2014*

*Cita sugerida:*

*Silva, M. (2014). Transmissão intergeracional, família, trabalho e política. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP, 3 al 5 de diciembre de 2014, Ensenada, Argentina. En Memoria Académica. Disponible en:*

*[http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.4542/ev.4542.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4542/ev.4542.pdf)*

Documento disponible para su consulta y descarga en **Memoria Académica**, repositorio institucional de la **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE)** de la **Universidad Nacional de La Plata**. Gestionado por **Bibhuma**, biblioteca de la FaHCE.

Para más información consulte los sitios:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar>

<http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>



Esta obra está bajo licencia 2.5 de Creative Commons Argentina.  
Atribución-No comercial-Sin obras derivadas 2.5

### **Transmisión intergeracional, familia, trabajo e política**

**Autora:** Maria Gilvania Valdivino Silva

**Instituição:** Universidade de São Paulo/ Brasil.

**E-mail:** maria.gilvania@gmail.com

#### **Resumo**

O presente artigo, aborda dados de uma pesquisa sobre transmissão intergeracional no interior de famílias de trabalhadores. Tratamos da formação e transmissão dos valores, condutas e comportamentos relacionados ao mundo da política entre moradores de um bairro popular, localizado em uma região industrial do estado de São Paulo, qual seja, a região do ABC Paulista. Analisamos os modos e modalidades de socialização colocados em prática por famílias residentes no bairro Ferrazópolis (na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo) um bairro construído por operários que vivenciou diversas transformações ao longo das últimas décadas, transformações estas, direta ou indiretamente ligadas as transformações na indústria automobilística no Brasil. Tudo isso influenciou o modo de viver dos moradores desse lugar, influenciando diretamente nos processos de socialização colocados em prática pelas famílias analisadas e as maneiras como as duas gerações se veem no mundo. A metodologia empregada foi qualitativa, com a realização de pesquisa de campo, observações e entrevistas com moradores do bairro.

**Palavras – chave:** Gerações – socialização – política – trabalhadores.

Essa análise trata das experiências de socialização vivenciadas entre duas gerações moradoras de um bairro popular (Ferrazópolis), construído por trabalhadores em uma cidade industrial da Região Metropolitana de São Paulo conhecida como ABC Paulista. A primeira geração é constituída por moradores migrantes rurais, nascidos na década de 1950 que são ou foram trabalhadores metalúrgicos e fizeram parte da formação do bairro em questão, a partir da década de 1970, marcada por intensas lutas sociais no Brasil, entre elas, a luta por moradia, que deu origem a muitos bairros nas periferias das grandes cidades brasileiras; já a segunda geração é formada pelos filhos da primeira geração, muitos nascidos, mas todos criados na região do ABC, entre os anos de 1980 e 1990.

Para a realização do estudo que deu origem a esse artigo, a saber, nossa pesquisa de mestrado, defendida em 2012, partimos da premissa de que as novas gerações podem assegurar de certa forma a continuidade - mas nem sempre a reprodução - das sociedades. Para isso, é necessário haver interiorização de valores, crenças, práticas, modos de perceber e de perceber-se no mundo, que formam cada um dos indivíduos. (MAUGER, 1990; BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 2008; BOURDIEU, 2010 e PERCHERON, 1993). Tal interiorização dar-se-ia então pelos processos de socialização, vivenciados desde o nascimento e prosseguindo ao longo de toda existência dos indivíduos, de forma não linear e nunca totalmente finalizada.

“[...] Um grupo se constitui como uma unidade de geração quando é capaz de construir uma reação unitária, uma ressonância comum, organizada de maneira análoga por indivíduos que estão precisamente ligados entre si. Isso não quer dizer que se trate de um grupo homogêneo ou sempre concordante em suas ações ou ideias.” (TOMIZAKI, 2010: 235 a 236).

Segundo Mannheim (1990), o pertencimento a uma unidade geracional, não quer dizer que este grupo é um todo homogêneo, como é possível observar no caso dos pais das famílias foco dessa análise, moradoras de um bairro Ferrazópolis. Esses pais são pertencentes a uma geração que se convencionou chamar de **“os peões do ABC”**, que partilhou experiências de migração, más condições de moradia e vivenciou um acontecimento histórico fundante: a onda grevista no ABC Paulista deflagrada no final da década de 1970. Como consequência da participação neste acontecimento histórico, embora com diferentes níveis de participação e/ou proximidade com os eventos do período em questão, é possível dizer que essa geração adquiriu práticas e modos de agir

próprios aos homens e mulheres que partilharam uma série de experiências comuns, que foram constitutivas da condição operária no ABC Paulista nos anos 1970 e 1980. (MANNHEIM, 1963; TOMIZAKI, 2005; TOMIZAKI, 2010).

Para nossa análise, a noção de geração foi pensada de modo mais restrito do que se encontra em Mannheim (1963), ou seja, nos limitamos a pensar em duas grandes dimensões do fenômeno geracional: (i) os laços de parentesco, portanto, pensando as gerações, sobretudo, como gerações familiares; (ii) o enquadramento social do grupo geracional, sobretudo em termos de acesso à escolarização e ao mercado de trabalho, com a hipótese de que tal enquadramento redundaria em determinadas “tomadas de posição” referentes a diferentes aspectos da vida, entre eles o trabalho e a política.

Nos pautamos na existência de certa cultura<sup>1</sup> comum aos moradores de uma mesma região ou grupo, o que nos levou a conhecer melhor a vivência dos moradores do bairro estudado no que tange aos pormenores de suas vidas cotidianas, procurando observar as relações familiares de transmissão de valores, atitudes e comportamentos próprios aos membros desse grupo.

O bairro Ferrazópolis apresenta, de certo modo, uma característica operária desde o início de seu loteamento, pois grande parte de seus moradores já trabalhou em fábricas, principalmente, no setor metalúrgico, o que nos coloca diante de um ponto comum na trajetória de muitos moradores do bairro, especialmente os mais antigos. Atentos a possibilidade de existência de certa cultura operária no bairro, buscamos um melhor entendimento desse conceito e observamos entre a bibliografia consultada que há uma ampla discussão e um considerável dissenso a respeito da aplicação desse termo para a realidade brasileira, assim como não há convergência entre os autores que procuram abordar os diversos aspectos da vida dos trabalhadores de diferentes regiões

---

<sup>1</sup> Cultura enquanto, “o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (TYLOR, 1871. Apud: Laraia, 2009: 25). Segundo Laraia (2009) a partir desta definição [ampla] é possível observar o caráter de aprendizado que é atribuído à cultura e entendo que este aprendizado ocorre por meio dos processos de socialização, responsáveis pela aquisição das normas e modos de comportamentos necessários para a vida em sociedade, bem como do aprendizado da cultura da sociedade. De acordo com Émile Durkheim (1967) *não há nenhuma sociedade em que não exista uma gama de valores próprios a ser inculcados nas crianças*. O homem só se tornaria humano, ou seja, adquiriria as capacidades e características do ser humano, se fosse *socializado* para tal fim e este fim seria adequado de acordo com a sociedade em que o indivíduo nasce, pois cada sociedade tem um tipo ideal de homem que deveria ser forjado a partir dos processos de socialização. Para ele, “na verdade, o homem não é humano, senão porque vive em sociedade”. (DURKHEIM, 1967: 45. Grifos nossos).

do país sobre a existência, ou não, de uma cultura operária no Brasil. (BATALHA, 2004; LOPES, 1987; SARTI, 2003, KIRK, 2004).

De acordo com Batalha (2004), há uma crescente tendência nos estudos sobre a história da classe trabalhadora que aponta para o estudo de *“características peculiares dos trabalhadores em diferentes contextos históricos, bem como os processos simbólicos que perpassam o processo de sua formação e reconfiguração.”* (BATALHA, 2004: 11). Ainda para o autor, a cultura operária é entendida *“ muito mais como um campo de discussão do que propriamente um conceito.”* (BATALHA, 2004: 12. Grifos nossos).

Kirk (2004), bastante influenciado por Hoggart (1973), defende que os estudos relativos à cultura devem atentar *“aos modos de ver e de ser”* (Kirk, 2004: 51). A classe trabalhadora deve ser problematizada dentro de sua diversidade e não como um todo homogêneo, o que implica em uma análise dos pormenores da vida cotidiana. (HOGGART, 1973; KIRK, 2004, BATALHA, 2004, THOMPSON, 1987, HOBBSAWN, 1982). É preciso pensar na diversidade de modos de ser e de ver presente no meio dessas classes, não as caracterizando como um todo homogêneo e imutável, porém trabalhando elementos que caracterizariam união e semelhanças constituintes da classe, como o trabalho manual, a pobreza e a insegurança no porvir.

Portanto, evidenciamos a análise das experiências partilhadas ou diferenciadas que contribuíram para a formação da classe<sup>2</sup> de trabalhadores existente em Ferrazópolis, bem como na consideração das transformações pelas quais esse grupo passou a partir dos anos 1990 e como tais processos (de formação e mudanças) podem ter impactado sobre os modos de transmissão de valores na esfera familiar, sobretudo, na relação entre

---

<sup>2</sup> A noção de classe trabalhadora aqui é fortemente pautada no que propunha Thompson. “[...] *Por classe entendo o fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos dispares e aparentemente desconectados, [...] é um fenômeno **histórico***” (THOMPSON, 1987: 9) ou ainda: “[...] *A classe acontece quando alguns homens, como resultados de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.*” (THOMPSON, 1987: 10), propondo o entendimento das classes a partir de uma perspectiva relacional. Neste ponto recorremos a Bourdieu, que também aborda o tema a partir de uma perspectiva relacional, e afirma que “[...] as classes não existem como grupos reais [...] o que existe é um *espaço de relações*, o qual é tão real quanto um espaço geográfico.” (BOURDIEU, 2010: 137). A contribuição destes dois autores está no fato de mostrarem-se contra o entendimento de classe enquanto uma “coisa ou algo que possa ser definido matematicamente” (THOMPSON 1987: 10). Há muito mais do que nos propõe o seu sentido lógico do termo, “[...] *onde um grupo de semelhantes tenderia a tomar atitudes semelhantes*”. (BOURDIEU, 2010: 136) segundo Thompson “[...] não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural” (THOMPSON, 1987: 12) o que nos obriga a levar em consideração a maneira como essa classe se formou, pensando inclusive a partir dos fenômenos históricos que contribuíram para sua formação.

pais e filhos. (LARAIA, 2009; BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 2008; BOURDIEU, 2010; THOMPSON, 1987; HOGGART, 1973; HOBBSAWN, 1982, BATALHA, 2004; KIRK, 2004).

Sendo assim, a abordagem de famílias trabalhadoras, moradoras de bairros populares como o caso dos trabalhadores de Ferrazópolis, não foi realizada apenas por meio do entendimento das relações de trabalho ou como núcleos de reprodução, mas a partir de aspectos culturais diversos, como as diferentes relações que as famílias de trabalhadores têm com os outros setores da sociedade, suas experiências de moradia, as formas como se organizam enquanto moradores, como reivindicam melhorias para seu bairro, o que esperam do futuro e como educam seus filhos. Essas famílias são pensadas como uma das esferas centrais de socialização pela qual os indivíduos passam ao longo de sua trajetória, atuando no processo socializador juntamente com a vivência no bairro, na escola e no trabalho, por exemplo.

Identificamos então, núcleos familiares nos quais existissem pais metalúrgicos, que tivessem participado das grandes greves do ABC Paulista, entre 1978 e início da década de 1980, e tivessem filhos jovens. Porém, durante as observações no bairro e nas famílias, notamos a existência de grande número de *ex-metalúrgicos*, pois na verdade, grande parte dos moradores do bairro já não faz mais parte desse setor produtivo, foram expulsos de seus postos de trabalho, principalmente por conta do aumento significativo das exigências em credenciais escolares que recaiu sobre os trabalhadores desse setor.

### **Conhecendo a região do ABC Paulista**

O termo ABC Paulista é utilizado para representar uma região composta atualmente por sete cidades que se desenvolveram muito próximas umas às outras, são elas, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, que juntos somam uma extensão territorial de 841km<sup>2</sup>.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os dados do Censo 2010 mostram que a região do ABC conta com uma população superior a 2,5 milhões de habitantes, residentes predominantemente na zona urbana, sendo São Bernardo do Campo a maior e mais populosa das cidades, com aproximadamente 800 mil habitantes e uma população rural de 13 mil habitantes. Segundo o Sumário de Dados São Bernardo do Campo de 2010, a cidade possui o quarto maior Produto Interno

Bruto (PIB) do Estado de São Paulo e continua sendo uma das cidades mais industrializadas do Brasil, ainda considerada a *capital do automóvel*.

É possível dizer que a região do ABC Paulista passou a ganhar maior notoriedade no cenário nacional a partir das décadas de 1940 e 1950 do século XX, período de forte expansão industrial no Brasil. A partir da segunda metade dos anos 1950, o setor industrial passa a ser o carro-chefe da economia do país. De 1968 a 1974 ocorre o chamado “milagre econômico”, que se caracterizou por um crescimento econômico acelerado e resultados excepcionais na área com PIB crescendo a 12% ao ano. Foi também um período de pesados investimentos em infraestrutura, principalmente ou quase que majoritariamente, investimentos no setor industrial. Porém, sem trazer ganhos efetivos aos trabalhadores, tendo conjugado crescimento econômico à pobreza. (PEREIRA, 2006).

A década de 1950 marcou o início da concentração de trabalhadores industriais, migrantes de outras regiões do país, sobretudo do nordeste, nas cidades do ABC Paulista. Entre os anos 1950 e 1970 a população da região triplicou, embora não tenha existido investimentos adequados em organização ou preparação de infraestrutura para receber esses migrantes. (SADER, 1988).

Naquele momento, os interesses que preponderaram em relação aos investimentos de ordem social foram representados pelas empresas multinacionais, que constituíam o *carro-chefe* da economia brasileira. Assim, a necessidade de mão de obra para as fábricas foi traduzida como oportunidade de trabalho e mobilidade socioeconômica para um enorme contingente de trabalhadores rurais, que migraram para o ABC Paulista. (TOMIZAKI, 2007).

A expansão industrial brasileira impulsionou a experiência migratória no país, o que constitui um dos mais importantes fenômenos da configuração atual de nossa sociedade, que deixou de ser uma sociedade majoritariamente rural para se tornar urbana e industrial, sobretudo, a partir das primeiras décadas do século XX. (CANON, 1977; SADER, 1988).

Uma parcela significativa dos migrantes para a região do ABC paulista era oriunda da região nordeste e do norte do estado de Minas Gerais. Consta no documento “*Essa gente paulista*” publicado pelo Portal Web do Governo do Estado de São Paulo, que entre os anos de 1950 e 1960, os estados de Minas Gerais e da Bahia contribuíram

com 65,04% do fluxo migratório para o estado, sendo os demais estados da região nordeste, responsáveis por 15% deste fluxo.

Essa migração foi largamente incentivada pelo fato de a mão de obra existente no estado já não ser mais suficiente para suprir as necessidades das indústrias que ali se instalavam e também, porque a mão de obra migrante era barata (ALMEIDA, 2008). Os migrantes que vieram para todo o estado de São Paulo estavam em busca de trabalho e melhores condições de vida, e se dirigiam, sobretudo, para as cidades mais industrializadas, como São Paulo e região metropolitana. De acordo com Sayad (1998), há tão somente uma necessidade econômica do imigrante/migrante por parte da sociedade receptora:

“[...] o imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, [...] a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho [...] foi o trabalho que fez nascer o imigrante, que o fez existir; é ele que quando termina, que faz morrer o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra ao não ser. E esse trabalho que condiciona toda a existência do imigrante não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o mercado de trabalho para imigrantes lhe atribui [...] ser imigrante e desempregado é um paradoxo.”(SAYAD, 1998: 54-55).

Em meio a estas condições que propiciaram a industrialização, o crescimento da oferta de emprego e a chegada cada vez maior de novos moradores para a cidade de São Paulo e para região do ABC, que já vinha se configurando como importante polo industrial do estado, as cidades cresceram e novos bairros foram surgindo, alguns de forma organizada, outros nem tanto. Segundo Sader (1988), o que impulsionava o crescimento das novas periferias era a busca dos trabalhadores por um local de moradia que os livrasse dos pagamentos de altos aluguéis, o que acabava os direcionando a locais mais afastados ou quando não tão afastados, menos equipados como é o caso de Ferrazópolis, que foi loteado para se tornar um bairro residencial, porém sem a mínima infraestrutura para seus novos moradores.

### **Os trabalhadores chegam e, para onde vão?**

“[...] Pra mim não tem problema em qualquer canto me arrumo de qualquer jeito me ajeito, depois o que eu tenho é tão pouco minha mudança é tão pequena que cabe no bolso de trás.” (Adoniran Barbosa. Trecho extraído da música “Despejo na Favela”, gravada em 1949).

O trecho da música de Adoniran Barbosa, apesar de tratar de ações de despejos e desocupações na capital paulista, serve também para elucidar um pouco sobre o que



significou migrar e se estabelecer em diferentes bairros que se formavam em toda a região metropolitana de São Paulo.

Muitos migrantes buscavam por um local para morar, ainda que com pouca ou quase nenhuma estrutura para isso, pois a busca era de um lugar minimamente possível para se abrigar e para onde retornar após o trabalho, as melhorias no local de moradia viriam com o tempo, seria fruto do trabalho e resultado da luta diária na cidade.

Ferrazópolis surgiu como um bairro operário e foi loteado em um momento de forte especulação no setor imobiliário da região. Assim como em outras cidades industriais no Brasil, o bairro surgiu em função da instalação de indústrias, ou grandes empresas, nesse caso específico a *Volkswagen* e a *Brastemp* e, ao redor dessas empresas, crescia a especulação imobiliária e os terrenos próximos passavam a ser loteados. De acordo com os arquivos do Departamento de biblioteca pública e preservação de memória da Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, de 1987, o bairro surgiu no local onde havia uma fazenda e começou a ser loteado oficialmente em 1972. (FONTES, 2008; SADER, 1988; SARTI, 2003; PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 1987).

Segundo o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, a população de Ferrazópolis é de 41.313 mil habitantes, as tabelas abaixo trazem dados mais detalhados:

**Tabela 1 Ferrazópolis: População residente por sexo (2010) <sup>3</sup>.**

Sexo	População residente
Homens	19.851
Mulheres	21.462
Total	41.313

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 2010.

**Tabela 2 Ferrazópolis: População Residente por sexo e grupos de idade (2000)<sup>4</sup>.**

Homens por idade	População
------------------	-----------

<sup>3</sup> Dados atualizados a partir do Censo Demográfico de 2010.

<sup>4</sup> O detalhamento da população por grupos de idade está disponível apenas com base nos dados do Censo Demográfico do ano 2000.

0 a 14 anos	5669
15 a 19 anos	2189
20 a 29 anos	3962
30 a 59 anos	6040
60 a 74 anos	767
<b>Mulheres por idade</b>	<b>População</b>
0 a 14 anos	5675
15 a 19 anos	2321
20 a 29 anos	4235
30 a 59 anos	6445
60 a 74 anos	938

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

No que tange aos rendimentos dos moradores do bairro, a tabela a seguir apresenta dados que nos fazem concluir que se trata de uma população de baixa e média renda.

**TABELA 3 Rendimento mensal domiciliar per capita Bairro Ferrazópolis, São Bernardo do Campo, 2010**

Classes de rendimentos em salários mínimos								
Até ½	Mais de ½ a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 3	Mais de 3 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10	Sem rendimentos	Sem informação
18,2	31,4	32,1	8,5	3,3	0,9	0,1	5,5	0,0

Fonte: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2012.

Segundo os cadastros da Secretaria de Habitação da Prefeitura municipal, o bairro possui 4.770 áreas residenciais, 859 unidades comerciais, 51 unidades industriais, 33 templos, 16 unidades escolares e 2 repartições públicas. (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2010 e 2012).

Desde meados dos anos de 1980, o bairro passou a ser permeado por favelas e o aumento do número de habitantes dessas áreas foi um fator importante para o crescimento de Ferrazópolis. Ao todo, somam-se 20 assentamentos precários<sup>5</sup> no bairro. (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2012).

Conhecendo um pouco melhor a região do ABC Paulista, trataremos na próxima sessão, dos tipos de socialização empregados, assim como das continuidades e rupturas

<sup>5</sup> De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a denominação de assentamentos precários para a realidade brasileira, se refere à domicílios que tenham carência em aspectos como: a ausência de rede de água e esgoto ou fossa séptica canalizada para o domicílio; ausência de banheiro de uso exclusivo para o domicílio; construções (teto e paredes) feitas em material não permanente; mais de três pessoas residentes por cômodo servindo de dormitório; aglomeração subnormal e, por fim, o que é caracterizado como irregularidade fundiária urbana, ou seja, moradias construídas em propriedades de terceiros ou em área de invasão. (IBGE, 2010).

envolvidas na transmissão intergeracional entre as duas gerações das famílias destacadas nessa análise.

### **Duas gerações de trabalhadores: uma análise dos processos de socialização.**

Duas famílias foram selecionadas para elucidar nossa análise, elas são compostas por pais com idade entre 52 e 58 anos e filhos com idade entre 19 e 28 anos, alguns já casados, morando nos fundos das casas dos pais, prática bastante comum nas periferias das cidades brasileiras. Uma delas é a numerosa **família Ferreira**<sup>6</sup>, composta pelos **pais Geraldo e Lúcia**, migrantes do estado da Paraíba e seus oito filhos, residentes na favela do Jardim Limpão, em Ferrazópolis e **a outra é a família Dantas**, que por sua vez, é composta pelos pais **João e Maria** e seus quatro filhos. Essa família reside em Ferrazópolis desde o início do loteamento do bairro, morando então, na região urbanizada do bairro.

Um primeiro ponto em comum a ser considerado, é a preponderância da socialização para o trabalho. Nessas famílias o trabalho é entendido como elemento dignificante e edificador de caráter. Em alguns casos, essa preponderância da socialização para o trabalho fez com que os pais permitissem que seus filhos deixassem de estudar, porém, em nenhuma hipótese, deixariam de trabalhar. Esta preponderância também aparece de maneira sutil, entre as atividades que os filhos desenvolviam em seu dia a dia desde a infância. O trabalho também era visto como propulsor de mobilidade social, mas para que isso pudesse ocorrer, a escolarização deveria ser uma realidade.

Os investimentos educacionais alcançam o limite do poder aquisitivo dos pais, e no caso das famílias analisadas o que os pais conseguiam eram fazer com que seus filhos pudessem estudar (No contra turno da escola, em cursos profissionalizantes) em pequenas escolas particulares ou em algum curso gratuito. O fato de ter pai metalúrgico influenciava os filhos a prestarem o SENAI<sup>7</sup> (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), mas em nenhuma das famílias os filhos conseguiram aprovação no exame de admissão para entrar nessa escola, reflexo da formação educacional básica realizadas

---

<sup>6</sup> Os nomes e sobrenomes verdadeiros dos entrevistados foram trocados para garantir o sigilo de suas identidades, conforme acordo prévio para a concessão das entrevistas e permissão das observações no ambiente familiar.

<sup>7</sup> O SENAI é uma importante escola de ensino técnico e profissionalizante no Brasil, mantida pela federação das indústrias. A realização de um curso técnico ou profissionalizante nesta escola é considerada pelos jovens como uma garantia de emprego e o ensino, tido como de excelente qualidade. O acesso se dá por meio de avaliações eliminatórias, porém, os filhos de funcionários das indústrias têm cota reservada para ingressar na escola. Em alguns casos, há escolas profissionalizantes do SENAI dentro das indústrias, como é o caso da Mercedes– Benz do Brasil, localizada em São Bernardo do Campo.

em escolas públicas com inúmeros problemas de ensino aprendizagem, comuns no Brasil.

Outra situação comum entre as famílias analisadas no bairro, pode ser exemplificada pela família Ferreira, no que tange a divisão sexual do trabalho, as filhas deviam cuidar das tarefas domésticas e dos irmãos. A filha mais velha desta família, cuidava da casa e de seus irmãos mais novos (ao todo seis crianças) enquanto a mãe saía para trabalhar fora. Sempre que possível, a mãe indicava algum vizinho ou parente para que as meninas trabalhassem eventualmente, passando roupa ou fazendo faxinas esporádicas, em troca de pequenas quantias em dinheiro ou até mesmo, por roupas, sapatos ou materiais escolares. Para Lúcia, isso as fazia aprender a ter responsabilidade. Os pais das duas famílias se orgulhavam de poder minimamente oferecer uma educação para os filhos que os fizessem trabalhadores. Essas jornadas de trabalho doméstico afetaram a escolaridade das meninas, provocando repetições de séries e por vezes o abandono dos estudos.

O trabalho teve então, uma dimensão fundamental para essas famílias fazendo parte do processo de socialização entre seus membros, entendido sob a dimensão da edificação da moral e da dignidade e também, como um meio (digno) de mobilidade social, para o qual é necessário preparar-se adquirindo credenciais escolares (possíveis). Esforços foram e ainda são empreendidos neste sentido (ao passo que a família tem mais acesso às informações). Os pais desejam ver seus filhos independentes e trabalhando e, o posto de metalúrgico preferencialmente em uma grande montadora é o emprego considerado ideal tanto para os filhos quanto para os pais dessas famílias.

### **O socializar para a política**

Os jovens aqui apresentados que compõe a segunda geração foco dessa análise, são filhos de *ex-metalúrgicos* e militantes sindicais, atuantes ou simpatizantes no Partido dos Trabalhadores (PT). Em princípio, poderia considerar-se “natural” esses jovens se apresentassem como mais propensos a identificarem-se com ações, práticas e discursos da esquerda, que seriam todos trabalhadores filiados a entidades sindicais, atuantes e preocupados em mudar a realidade em que vivem. Mas a realidade não comprova tal raciocínio pelo simples fato de que o processo de socialização é bem mais complexo do que o mero reflexo da trajetória dos pais e passa por uma série instâncias

que não a família ou apenas a convivência com os progenitores. De acordo com Lahire, as experiências pelas quais passamos, seja com a família, a escola, os amigos ou o trabalho, não são simplesmente sinteticamente somadas durante o processo de socialização, pois durante esse processo o indivíduo tem um grau de participação em suas interações. (LAHIRE, 1998, BERGER e LUCKMANN, 2009).

De acordo com Percheron e Muxel, a *“socialização Política é uma dimensão de um processo maior, a construção da identidade social de qualquer indivíduo exigindo a aquisição de uma série de códigos simbólicos, normas ou condutas, que incluem atitudes e comportamentos políticos.”* (PERCHERON e MUXEL, 1993). Sendo assim, a socialização política não se resume apenas à transmissão de preferências partidárias e sim, a um conjunto de representações, de opiniões e atitudes políticas. Trata-se então, do processo de transmissão/ aquisição de informações, percepções, sentimentos e preferências sobre a política, que incide sobre mecanismos de desenvolvimento de representações, princípios de formação de atitudes e comportamentos políticos, o que é desenvolvido ao longo de toda a trajetória do indivíduo. (PERCHERON 1985; PERCHERON E MUXEL, 1993).

Independentemente da escolha dos jovens em participar e envolver-se de maneira mais aprofundada com o universo político, todos eles foram socializados politicamente, pois esta é uma parte do processo global de socialização, trata-se, portanto, de uma das facetas de um processo maior e multifacetado. (PERCHERON e MUXEL, 1985; 1993). Nem todas as juventudes se distinguiram historicamente, pela disposição a contestar o mundo em que nasceram”. (RIBEIRO, 2004). No contexto da análise intergeracional aqui apresentada concluímos que nem todos os filhos de metalúrgicos, militantes ou simpatizantes do PT seguiram ou seguirão o destino dos pais.

Alguns autores afirmam que jovens tem apresentado indiferença no que tange à política e têm constituído suas imagens do político de maneira negativa, considerando a situação de corrupção e descaso que as instituições políticas manifestam para com a população. Porém, isso não quer dizer que não haja competência política, segundo Muxel, trata-se uma posição adquirida referente ao universo político. (MUXEL, 2008; SALLAS e BEGA, 2007).

Em ambas as famílias, a participação política mais intensa deu-se por parte dos pais, e que essa participação ainda existe efetivamente, por parte de João Dantas, que é militante ativo do Partido dos Trabalhadores. Porém, é importante ressaltar que apenas

na família Dantas a mãe manifestou certo apoio à participação política do marido e chegou a participar de algumas atividades no Partido dos Trabalhadores e, atualmente, auxilia conhecidos que se candidatam pelo partido, distribuindo santinhos e ajudando na propaganda política no bairro.

No entanto, na família Dantas, nenhum dos filhos teve ou tem envolvimento com política partidária. Não participaram de agremiações nas escolas, não são militantes sindicais, de igreja ou em associações e ONGS.

Em um comparativo entre as duas famílias, observamos que apenas os filhos que trabalham em fábricas são associados ao sindicato, porém, não participam das atividades sindicais. Destacamos Jonas Dantas, no que tange ao enquadramento em um eixo ideológico, ele diz enquadrar-se melhor à esquerda. Entende o funcionamento do sistema político relacionado à esfera administrativa, à eleição e às atividades desenvolvidas pelo Estado e diz-se contra o sistema político administrativo adotado no país, cujo conhecimento é tributário do contato com o pai. Esse pessimismo e contrariedade com relação à esfera política administrativa do Estado, segundo ele, é herança de sua adolescência *punk*. Afirmar ainda que atualmente não se informa sobre política, nem em época de eleições, pois se define como completamente “desacreditado” e só exerce o direito ao voto por conta da obrigatoriedade, mas sempre anula seu voto – jamais votou em nenhum candidato.

Foi possível evidenciar alguns mecanismos utilizados por pais e filhos no momento da escolha do voto e, a partir disso, notamos continuidades e descontinuidades nos modos como essas escolhas se dão entre as gerações. Nota-se que a preferência partidária da maior parte dos filhos tende para o PT, o que não necessariamente significa influência do pai visto que a região do ABC tem forte relação com o PT, mas, de certa forma, reflete também a relação com os pais, pois a maioria dos filhos afirma utilizar os conhecimentos do pai para informar-se sobre política. Dizem que seu pai, sendo um “bom homem”, costuma apoiar bons candidatos, pessoas conhecidas e menos suscetíveis a serem corruptas.

Segundo Percheron e Muxel (1993), quando pai e mãe apresentam mais ou menos o mesmo grau de interesse por assuntos ligados ao universo político é mais fácil que os filhos partilhem de opiniões e preferências dos pais. Os modos como o processo de socialização foi posto em prática podem ser apreendidos também de forma sutil, manifestado nas tomadas de decisões em família, por exemplo, se são escolhas autoritárias dos pais, sem consultar os filhos, ou se decisões importantes eram abertas

para diálogo, ou até mesmo as formas de punição que os pais empregavam aos filhos desobedientes.

Entre as duas famílias havia um bom relacionamento com os vizinhos, os filhos podiam brincar na rua, porém, apenas em frente ao portão de casa e, quando alguma regra imposta pelos pais era desobedecida, os filhos eram punidos com castigos físicos, como palmadas e chineladas e, quando o erro era mais grave, apanhavam com cintos. Eram considerados erros graves: faltar com respeito aos pais, agressões físicas entre irmãos, faltar à escola sem consentimento dos pais, tirar notas ruins ou repetir o ano escolar, mexer em algo que não era seu e mentir sobre qualquer assunto, por exemplo.

Em nenhuma das famílias, a segunda geração apresenta interesse sobre o universo político. A forte ligação dos pais com a política, por meio das atividades de militância sindical e partidária acabou os afastando do convívio familiar.

Observamos que a socialização política nestas famílias contribui para a formação de uma competência sobre o mundo da política, ainda que de modo bastante limitado. Tal competência abarca algum conhecimento sobre o sistema político, os partidos, as eleições e as expectativas de que este sistema possa prover as necessidades da sociedade, sobretudo dos trabalhadores e dos mais pobres. Vale destacar que a socialização política, como tantos outros aspectos dos processos de socialização, ocorre de modo bastante sutil, e no caso dessa família em alguns momentos torna-se quase imperceptível, e só passa a fazer sentido em nossa análise quando se tem claro que todos os indivíduos, ainda que de modos variados, são socializados politicamente, o que não implica necessariamente que isso se desdobrarão em ações políticas ou mesmo no interesse pela política, pelo contrário, os processos de socialização política podem inclusive conduzir à repulsa pela política. (PERCHERON e MUXEL, 1985; 1993).

Observamos que nenhum dos membros da segunda geração analisada é militante político, sindical ou engajado em alguma causa. Tratam-se de jovens pobres, moradores de um bairro popular, com perspectivas limitadas de emprego e que superaram seus pais, no que diz respeito à escolaridade, porém, a politização de seus pais e a luta política que tiveram não é a sua.

### **Referências bibliográficas:**

ALMEIDA, A. (2008) *Experiências políticas no ABC Paulista: lutas e práticas culturais dos trabalhadores*. Uberlândia: EDUFU.

ATTIAS-DONFUT, C. (2000) *Rapports de générations – Transfert intrafamiliaux et dynamique macrosociale*. *Revue Française de Sociologie*. nº41-4.

\_\_\_\_\_. (1994). La dynamique des generations. *Communications*, nº 59, 1994.

BATALHA, C. H. M. ; SILVA, F. T. e FORTES, A. (orgs.). (2004). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, São Paulo : Ed. Da Unicamp.

BERGER, P. e BERGER, B. (2006). *Socialização: como ser um membro da sociedade*. [1975] In: FORACCHI, M. M. e MARTINS, J. (orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. (2009) *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Ed. Vozes.

BOURDIEU, P. (2008). *As contradições da Herança. A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes.

\_\_\_\_\_. (1998). Futuro de Classe e causalidade do provável. In: *Escritos de educação*”. (org. NOGUEIRA, M. A e CATANI, A ) São Paulo: Vozes.

\_\_\_\_\_. (2010) *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. (2007) *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOILLET, D. J.P SCHMITT. (2002) *La Socialisation*. Paris: Breal.

CANEDO, L. (2004). *Heranças e aprendizagens na transmissão da ordem política brasileira (1945/2002)*. *Cadernos CERU*, São Paulo/USP, v. 15.

CANON, W. (1977) *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Editora Difel.

DURKHEIM, E. (1967). *Educação e sociologia*. 7ª Ed.. São Paulo : Melhoramentos.

HALL, M. (2008) Prefácio. In: FONTES, P. *Um nordeste em São Paulo. Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. Rio de Janeiro: Editora. FGV.

HOBSBAWN, E. J. (1982) *A era do capital. 1848- 1875*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.

HOUGGART, R. (1973) *As utilizações da cultura 1. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Ed. Presença.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo demográfico: Primeiros resultados*. Rio de Janeiro.

KIRK, N. (2004) Cultura : costume, comercialização e classe. In : BATALHA, C. H. M. ; SILVA, F. T. e FORTES, A. (orgs.). *Culturas de classe : identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, São Paulo : Ed. Da Unicamp.

LAHIRE, B. (1998) *L' homme Pluriel*. Paris: Nathan.

LARAIA, R. de B. (2009) *Cultura : um conceito antropológico*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.

LOPES, José Sérgio Leite, Coord. (1987). *Cultura e identidade operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*, Rio de Janeiro: Marco Zero-URFRJ.

MANNHEIM, K.(1990). *Le Problème des générations*. Paris: Éditions Nathan.

MUXEL, A. (2008). *Moi, toi et la politique*. Paris : Seuil.

PERCHERON, A. E MUXEL A. (1985) *Histoires politiques de famille. premières illustrations. Life Stories/ Récits de Vie*. Paris: vol. 1.

PERCHERON, A. E MUXEL, A. (1993). *La Socialization politique*. Paris: Armand Colin.

PEREIRA, Maria Gilvania Valdivino. (2012). *Experiências de socialização: o caso de famílias de trabalhadores no bairro Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo,



- PINTO, G. A. (2006) Uma introdução à indústria automotiva no Brasil. In: ANTUNES, R. (org). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo : Ed. Boitempo.
- POCHMANN, M. (2006) Desempregados do Brasil. In: ANTUNES, R. (org). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo : Ed. Boitempo..
- RIBEIRO, R. J. (2004). Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R. E VANNUCHI, P. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- SALLAS, A. L. F. e BEGAS, M. T. S.(2007). *Juventude, cultura e política*. Trabalho apresentado no XII Congresso Brasileiro de Sociologia. GT 26: Sociologia da infância e da juventude. Recife.
- SARTI, C. A. (2003). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez.
- SADER, E. (1988) *Quando novos personagens entram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SAYAD. A. (1998) *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo : EDUSP.
- SETTON, M. G. J. (2005). A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*. São Paulo, v. 17, n. 2.
- TOMIZAKI, K. (2007). *Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp/Arte Escrita/ FAPESP.
- \_\_\_\_\_. (2010). Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educ. Soc.*, Campinas, vol.31, n. 111.
- THOMPSON, E. (1987) *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Costumes em comum, Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ZALUAR, A. (1994) *A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense.